

O projeto de hegemonia papal em *Gregório I (590-604)*: *As intervenções missionárias na Gália Merovíngia*

João Paulo Charrone¹

Resumo: Este trabalho analisará as estratégias missionárias de Gregório I, a partir da correspondência pontifical, direcionadas a Gália. Cabe destacar que tais ações nesse espaço fez parte da primeira fase das intervenções missionárias deste bispo, cujo auge foi a tentativa de conversão dos saxões. Para isso, esse artigo será norteado pelos referenciais teóricos de Gramsci, especialmente: hegemonia, ideologia e Estado. Nesse sentido, será usado como fundamento metodológico a leitura dos fatos sociais a partir das relações de força estabelecidas entre as classes em disputa na sociedade. Portanto, compreendemos que as ações de Gregório I passavam por um projeto papal na luta concreta pela conquista de hegemonia, por meio de um discurso com sólido teor ideológico, entre os grupos antagônicos no corpo social gaulês. Assim, as cartas gregorianas – remetidas às autoridades governamentais e prelatias, bem como, aos latifundiários – ambicionavam generalizar seus interesses e desejos de classe para o conjunto da sociedade por meio do consenso em torno de suas demandas, no caso: a conversão de infiéis, a reforma na Igreja Franca, bem como, o reconhecimento de sua liderança eclesiástica e política.

Palavras-chave: História Política; Papado Medieval; Gália Merovíngia; Epistolário; Antonio Gramsci.

Abstract: This work will analyze the missionary strategies of Gregory the Great, based on the pontifical correspondence, in Gaul. It should be noted that such actions in this area were part of the first phase of this bishop's missionary interventions, the climax of which was the attempt to convert the Saxons. This article is guided by Gramsci's theoretical references, especially: hegemony, ideology and state. In this sense, we will use as a methodological basis the reading of social facts from the power relations established between the classes in dispute in society. Therefore, we understand that the actions of Gregory the Great went through a papal project in the concrete struggle for the conquest of hegemony, through a discourse with solid ideological content, between antagonistic groups in the Gallic social body. Thus, the Gregorian letters - sent to governmental and prelate authorities, as well as to the landowners - aimed to generalize their class interests and desires to society as a whole through consensus around their demands, in this case: the conversion of infidels, the reform in the Merovingian Church, as well as, the recognition of its ecclesiastical and political leadership.

Keywords: Political History; Medieval Papacy; Gaul Merovingian; Epistolary; Antonio Gramsci

The papal hegemony project in Gregory The Great (590-604): Missionary interventions in the Merovingian Gaul

¹ Professor Doutor – Departamento de Licenciatura em Educação do Campo – Universidade Federal do Piauí - UFPI - Campus Professora Cinobelina Elvas- Rod. Bom Jesus – Vianna, Km 03, CEP: 64900-000, Bom Jesus, Piauí, Brasil. E-mail: jcharrone@yahoo.com.br.

Introdução:

Segundo T. Noble (2002, pp. 145-162) a melhor fonte para se estudar a atuação do bispo de Roma é sempre a correspondência papal. Os papas do sexto século escreviam para pessoas na Gália regularmente com uma ampla gama de assuntos, tais como a diplomacia militar, ocasionada pelas guerras góticas e pelas invasões lombardas; a administração papal interessada nos patrimônios da Gália; a cura papal em Arles; os assuntos da heresia dos “Três Capítulos”; e os abusos clericais na Igreja Gaulesa.

Assim, esses documentos registram em detalhes e com precisão cronológica os trabalhos cotidianos da atuação papal, os interesses pessoais dos papas e por fim os graus e a natureza das relações entre a sé de Roma e o mundo que a cercava. Do período de 483 a 604² sobreviveram 1404 cartas. Dessas, 100, aproximadamente 7%, foram enviadas para o *Regnum Francorum*. Contudo, 55 das 100 epístolas foram escritas por Gregório I (590-604), motivo pelo qual optamos por tornar suas epístolas como a principal fonte desse trabalho. Deve-se fazer uma ressalva, as cartas do supracitado papa são melhores preservadas que aquelas dos outros papas. Aproximadamente 15% das cartas sobreviventes redigidas por Gregório Magno interessam ao mundo franco, índice superior ao dobro dos 7% da correspondência papal como um todo (NOBLE, T. F. X. 2002, p. 156).

Como veremos o maior número de cartas que Gregório Magno escreveu representava uma tentativa de suavizar a passagem de sua missão missionária rumo as ilhas britânicas através do território franco. Além disso, o bispo de Roma tomara um papel ativo, maior que qualquer um de seus predecessores, na tentativa de efetuar alguma reforma na Igreja franca.

Particularmente, o papa estava interessado na simonia, na rápida promoção de homens laicos para o episcopado, nas relações clericais com as mulheres e na baixa frequência dos sínodos episcopais. Mas também estava interessado em diplomacia, pois o papa Gregório I manteve uma ativa correspondência, entre outros, com a rainha Brunilda.

Os interesses de Brunilda eram claros: como regente, após a morte de Sigiberto em 575, a aliança com o Império e o bispo de Roma podia fortalecê-la em sua disputa pelo poder contra os aristocratas austrasianos e contra os outros reis merovíngios. Em contrapartida, eram também claros os interesses de Gregório Magno: ele queria dirigir de fato a Igreja franca austrasiana (BURY, J. B., *et. al..s.d.*, p 124.).

² Período que compreende o pontificado de Felix III (483-492) até o pontificado de Gregório Magno (590-604). Felix era o papa quando Clóvis (481-511) torna-se rei dos francos, e Gregório Magno era o papa quando Gregório de Tours (574-593) faleceu.

2 – Quadro teórico:

Realizada está rápida introdução do trabalho, partiremos então, para um plano mais conceitual e teórico. Neste exercício trataremos de dois conceitos –ideologia e hegemonia – muitos caros a formulação teórica de Antonio Gramsci (2002). Dito de outro modo, pretendemos aqui apresentar a contribuição deste filósofo marxista no entendimento crítico das batalhas pela hegemonia, através da construção de uma ideologia majoritariamente consensual, na sociedade.

Antes de apresentarmos estes dois conceitos, acreditamos ser pertinente apresentar a teoria de Estado elaborada por Gramsci uma vez que estes conjuntos conceituais estabelecem uma relação dialética. Segundo Carlos Nelson Coutinho (1996, pp. 91-120, p. 117), o filósofo sardo desenvolveu uma concepção “ampliada do Estado”, ou seja, para Gramsci o poder estatal não se limita aos aparelhos repressivos e coercitivos, mas se alastra e se faz presente na sociedade.

Assim, ao avaliar as lutas pela hegemonia social e estatal, o filósofo italiano assinala dois domínios no interior das superestruturas.

“sociedade civil” (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como “privados”) e o da “sociedade política ou Estado”, planos que correspondem, respectivamente, à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”. Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. (Q. 12,§ 1, p. 1518-1519)

A primeira é concebida pela sociedade política, isto é, conjunto de organismos pelos quais o grupo dominante apresa o monopólio legal da repressão e da violência, portanto que se caracteriza com os aparelhos de coerção vinculados as classes burocráticas aliadas às forças armadas e policiais e à aplicação das leis. Nas palavras do próprio Gramsci, a sociedade política é o “aparelho de coerção estatal que assegura ‘legalmente’ a disciplina dos grupos que não ‘consentem’, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção” (GRAMSCI, 2000. v. 2).

A segunda é denominada, como vimos acima, de sociedade civil. Esta é entendida pelo marxista sardo como o conjunto de instituições (o sistema escolar, a Igreja, os partidos políticos, as organizações profissionais, os sindicatos, os meios de comunicação, as

instituições de caráter científico e artístico, etc) responsáveis pela criação e alastramento de ideologias enquanto concepções de mundo (GRAMSCI, 2000. v. 2).

Sociedade civil e sociedade política se distinguem pelos papéis que desempenham no aparelhamento das relações sociais e, mais particularmente, na reprodução das relações de poder. Na sociedade civil, as classes sociais buscam captar aliados para seus propósitos por meio da direção e do consenso. Por seu turno, na sociedade política, a hierarquia social se estabelece através de uma dominação repousada na coerção. E, o resultado final, isto é, a junção da sociedade política com a civil, formam o Estado em sentido amplo, ou melhor, a hegemonia revestida de coerção (MORAES, 2010, p. 57). Segundo Liguori (2007, p. 77-98), as temáticas de concepção de mundo, senso comum, filosofia, religião, folclore compõem uma “família de conceitos” em torno do conceito da “ideologia”.

Gramsci pensa a ideologia como um componente cognitivo, uma percepção de mundo inseparável da vida social, portanto, para o filósofo sardo, não há sociedade sem ideologia. Isso o une a Althusser (1983), quando este assevera que o homem é um “animal ideológico”. Deste modo, ideológico seria um elemento obrigatório dos seres vivendo em coletividade. Em conclusão, seria ilusório idealizarmos uma sociedade sem ideologia, uma vez que é através dela que os homens tomam consciência de si mesmos, dos outros, e atuam no mundo.

De acordo com Renato Ortiz (2006, p. 99), Gramsci persiste na relação ativa que os homens apresentam com a sociedade e a natureza; o homem atua conscientemente e reage na sua influência mútua com as coisas que o cercam (diríamos hoje, possui reflexividade). Nesta acepção, ideologia é poder, ou seja, capacidade que lhe permite atuar e modificar o mundo.

Desta forma, a concepção teórica-conceitual sobre ideologia de Gramsci é caracterizado pelo pressuposto de que ideologia é uma realidade prática. Se distanciando, portanto, de certos princípios marxistas que postulam a tese de que a ideologia é apenas “falsa consciência” (COUTINHO, 1996, p. 107). Dito de outra forma, Gramsci defende que, independentemente de ser ou não verdadeiro em sentido epistemológico, a ideologia converte-se em poder material assim que se faz dominante nas concepções de mundo das massas.

Neste sentido, Gramsci valoriza, em sua conceituação, uma teoria que valoriza mais a perspectiva ontológica-social do que propriamente uma abordagem mais epistemológica. Por exemplo: se uma quantidade substancial de pessoas em uma determinada sociedade crê em Deus, ele passa a existir socialmente, independentemente da sua existência no plano da ontologia da natureza.

Já o conceito de hegemonia elaborado por Gramsci corrobora-nos para esquadrihar os mecanismos de consenso e dissenso que permeiam e condicionam a produção simbólica coletiva, afetando o arcabouço do imaginário social e, por extensão, as disputas de sentido e de poder em uma determinada sociedade e contexto histórico. Assim, na acepção teórica do filósofo marxista, a hegemonia implica a cooptação do consenso e da direção cultural e político-ideológica de uma camada ou bloco de classes sobre as demais. Portanto, a hegemonia, para além de atrair as estruturas econômicas, vincula-se com divergências de leituras de mundo, percepções, princípios, valores entre indivíduos da ação política.

Dito isso, para Antonio Gramsci (2002, v. 6, p. 65), a hegemonia é alcançada e concretizada a partir de embates que admitem não exclusivamente motes vinculares à base econômica e ao aparelhamento político, mas abarcam igualmente, no nível ético-cultural, a manifestação do conjunto de saberes, práticas, formas de representação e arquétipos de autoridade que ambicionam legitimar-se e universalizar-se. Ou seja:

1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) obtida pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção); 2) do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo.³¹ (Q 12, § 1, p. 1519/v. 2, p. 21)

Deste modo, a hegemonia não pode ser apenas norteada a partir das balizas de uma pura e simples coerção, haja visto que, ela, aos olhos do sardo marxista, abrange a liderança cultural e o aquiescência social a um conjunto de convicções, códigos morais e normas de comportamento, bem como o aniquilamento e a sobrelevação de outros valores, crenças e sentimentos diante da vida e do mundo (MORAES, 2010, p. 55).

Tais asseverações nos permite concluir que a construção e a universalização de uma dada concepção hegemônica é um movimento histórico de longa duração, que envolve os vários lugares da superestrutura ideológico-cultural. Por apresentar esta característica, as configurações e possibilidades da hegemonia nem sempre são as mesmas, ao contrário, se transformam em consonância com a caráter das forças que a controlam.

No ponto de vista gramsciano, a hegemonia é organizada por um grupo social que conduz a constituição de um bloco histórico, estruturando e dando coesão a díspares classes

sociais em volta da concepção do que Gramsci (2000. v. 2, p. 17) define como “consciência operosa da necessidade histórica”, em outros termos, vontade coletiva.

Para materializar seu alcance ideológico, o grupo hegemônico deverá conservar as adesões aos seus pressupostos. Conforme Luciano Gruppi (1978, p. 67):

[...] uma classe é hegemônica, dirigente e dominante até o momento em que – através de uma classe sua ação política, ideológica, cultural – consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas e impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve à recusa de tal ideologia, fato que irá coincidir com a crise política das forças no poder.

Destarte, um comando ético-político competente não vincula-se unicamente a força material que o poder impõe. Precisa ser atingida também por meio de mecanismos de argumentação e consenso, ações encadeadas e explanações persuasivas sobre o conjunto e hierarquia social. E isto implica em transformar concepções e valores, dando passagem a novos princípios éticos e perspectivas, habilitado a reunir apoios e concordâncias e, neste sentido, afirmar-se perante o conjunto da sociedade.

Gregório I e a Gália:

A Gália merovíngia serviu a Gregório I como um importante campo de experiência missionária, isto é, serviu concomitantemente como um “laboratório” e um “prológo” a missão da Inglaterra. Tem sido frequentemente apontado pela historiografia que este papa teve relações episódicas com os reis francos antes da partida da missão de Agostinho de Cantorbery. E que tais contatos foram em sua maioria destinados a região da Provença, no sul da atual França (JUDIC, 2000, p. 89-120.).

Eles revelam, em primeiro lugar, a desconfiança papal frente a ética e as práticas evangelizadoras dos prelados gauleses. Apenas a título de exemplo, o papa descobriu que, contrariando as regras canônicas, o bispo de Marselha Theodoro tinha procedido batismos forçados de judeus. Forçando Gregório I a lhe enviar uma severa carta de advertência (*Ep.* I.45 – junho de 591):³

³ *Ep.* I.45: Plurimi siquidem Iudaicae religionis uiri, in hac prouincia commanentes ac subinde in Massiliae partibus pro diuersis negotiis ambulante, ad mostram perduxere notitiam multos consistentium in illis partibus Iudaeorum ui magis ad fontem baptismatis quam praedicatione perductos. Nam intentum quidem huiuscemodi et laude dignum censeo et de Domini nostri descendere dilectione profiteor.

Muitos homens de religião judaica, habitantes na província e que muitas vezes passam por Marselha por diferentes negócios, relataram que muitos dos judeus que viviam naquela região são levados à pia batismal mais pela força do que pela pregação. O objetivo deste tipo é digno de louvor, porém aconselho que provenha do amor de nosso Senhor.

Neste sentido, o papa quase sempre demonstrava sua ira sobre o episcopado como um todo. E mais, ele parecia manter melhor relacionamento com os laicos. Gregório, por exemplo, congratulava a honestidade de parte dos aristocratas francos. Entre estes destacamos o patrício Dinamio, um grande oficial merovíngio na Provença, que administrava o patrimônio de São Pedro na Gália.

Prova disso e que Gregório, em abril de 593, escreve para este gestor, afirmando estar muito satisfeito de ter recebido os rendimentos dos domínios eclesiásticos, que tinham sido perfeitamente conduzidos por Dinamio (*Ep.* III.33)⁴: “Aqueles que administram fielmente as rendas dos outros, mostram o quão bem faz para seus próprios negócios. É o que a tua glória nos mostrou: a missão permanente de pretender entregar a São Pedro, príncipe dos Apóstolos, os frutos de suas posses”. Vale lembrar que tal elogio se deu no mesmo momento em que ele supostamente descobria a venalidade dos representantes bizantinos e a indisciplina dos bispos.

Ele recompensou o patrício pelos seus leais serviços enviando uma cruz de ouro adornada com relíquias das correntes de São Pedro e do braseiro/grade de São Lourenço (*Ep.* III.33)⁵

Enviámo-lhe como relíquia de São Pedro Apóstolo, uma pequena cruz que contém fragmentos das cadeias que prendiam temporariamente seu pescoço, para libertar para sempre os seus pecados. Ao longo dos quatro cantos contém as relíquias do braseiro em que São Lourenço foi queimado, assim, da mesma maneira, onde foi cremado seu corpo em defesa da verdade, ascenda a vossa mente o amor de Deus.

Vale lembrar que Childeberto II recebe o mesmo tipo de relíquias (*Ep.* VI.6). Alguns anos mais tarde, Gregório I forneceu outra demonstração ainda mais palpável a seu favor, a saber: a concessão do privilégio de isenção ao mosteiro de São João Cassiano em Marselha, a

⁴ *Ep.* III.33: Monstrat quam bene dispenset propria, qui fideliter administrat aliena. Quod uestra nobis gloria ostendit, quae perenni muneri intenta, beato Petro apostolorum principi suorum redituum fructus intulit.

⁵ *Ep.* III.33: Trasmisimus uero beati Petri apostoli benedictionem, crucem paruulam, cui de catenis eius beneficia sunt inserta, quae illius quidem ad tempus ligauerant sed uestra colla in perpetuum a peccatis soluant. Per quattuor uero in circuitu partes, de beati Laurentii craticula in qua perustus est beneficia continentur, ut hoc ubi corpus illius pro ueritate crematum est uestram mentem ad amorem Domini accendat.

pedido da família de Dinamio (*Ep.* VII.12⁶): “Nós determinamos que sobre os bens e a organização do mosteiro não terá poder nem o bispo nem qualquer dos clérigos, decretamos que tais coisas são de competência de seu interesse ou daquela depois de ti [Aureliana] que se tornar abadessa do mosteiro”. Tal ação, implicitamente, retirava tal instituição da autoridade do bispo de Marselha, julgado, segundo Bruno Dumezil (2006), pelo papa como não confiável.

Portanto, os contatos com a Gália tornaram-se para Gregório I uma oportunidade para descobrir que os grandes laicos podem as vezes se revelar mais eficazes e mais confiáveis que os bispos. E como vimos acima, Gregório I está disposto inclusive a lhes recompensar pelo apoio. Vale lembrar que o envio de presentes tem um sentido muito mais complexo nestas sociedades. Isto é, nas sociedades pré-capitalistas, tal prática constitui-se como uma atividade social primordial, pois, o costume social estabelecido exigia que todo *dom* (dar presentes) fosse correspondido, mais cedo ou mais tarde, por um *contra-dom* (retribuição do dom) (MAGNANI, pp. 169-193).

Segundo Paulo Pachá (2012), a troca de presentes, nas sociedades medievais, tem lugar similar ao comércio, pois ambas afixam a distribuição de bens e serviços, porém a primeira difere da segunda por não ter como prioridade o “lucro, material e tangível”, procedido da diferença entre o valor de compra e o da venda, mas do “prestígio social vinculado à generosidade”. O “lucro”, portanto, consiste em colocar outras pessoas em uma dívida moral. Em outras palavras, e em consonância com o supracitado autor, o *dom* não deve ser encarado como um simples envio de presentes, mas sim, como uma representação social característica de posições sociais desiguais, as quais convergem para criação e reforço de relações de subordinação pessoal. Ou seja, como forma de dominação.

Em agosto de 595 – quase dois anos distante da missão a Bretanha (597- 601) – o papa respondeu favoravelmente a uma carta de Childebeto II, que lhe pediu para conceder o vicariato e o pálio a Virgílio de Arles (*Ep.* V.60⁷, como também, V.58 e V.59): “Então, para nosso irmão Virgílio, bispo de Arles, confiamos, com o favor de Deus, e de acordo com o costume antigo e o desejo se sua excelência; concedemos-lhe o uso do pálio, como era habitual no passado” (*Ep.* V. 60).

⁶ *Ep.* VII.12: In rebus autem uel dispositione eiusdem monasterii neque episcopum neque ecclesiasticorum quemquam aliquam habere decernimus potestatem, sed ad haec sollicitudinis tuae curam, uel quae post te in eodem loco fuerit abbatissa, statuimus per omnia pertinere.

⁷ *Ep.* V.60: Atque ideo fratri nostro Vergilio Arelatensis ciuitatis episcopo nostra iuxta antiquum morem et excellentiae desiderium Deo fauente commisimus, cui etiam et pallii usum, sicut prisca habuit consuetudo, concessimus.

Por si, o procedimento nada tem de original e excepcional pois o epíscopo de Arles tradicionalmente recebia o vicariato por quase um século. O que é mais surpreendente é ver um papa responder favoravelmente a uma solicitação de um rei merovíngio, pois tal ato poderia ser encarado como uma ingerência do poder secular em face dos poderes do patriarca de Roma.

No entanto, não foi o aconteceu, pois Gregório não recusou o pedido real. Para além disso, Gregório I o qualificou como *praeexcellentissimus*, título digno de um grande oficial palatino da corte bizantina. Segundo Dumezil (2006), Gregório I lisonjeia-o, pois o vê como um precioso colaborador de dois de seus projetos: a reforma na Igreja gaulesa e a missão à Inglaterra.

Um mês mais tarde, em setembro de 595, o pontífice recomendava ao rei Childeberto II, para gerir o patrimônio da Gália, o presbítero Cândido, como sucessor do doente patricio Dinamio (*Ep. VI.6*⁸):

Mas como o patricio Dinamio, que repousa por nossa recomendação, a preocupação com os bens, como sabemos, não pode executar, o pequeno patrimônio que se encontra em vossa parte não seja abandonado, enviamos para governar o portador destes presentes, o amado filho nosso, o padre Cândido...

Mas uma vez o rei Childeberto fora enormemente elogiado. Nesta epístola Gregório o qualifica como o maior e o mais ortodoxo dos reis da Europa⁹:

De que outra forma a dignidade régia supera a dos homens comuns, desde o início de seu reino é, sem dúvida, superior sobre os reinos dos gentios. Não é de admirar, também, que você seja o rei, uma vez que existem outros reis; mas é para ser rei católico, o que os outros não são.

Tal missiva foi acompanhada das chaves de são Pedro, que eram adornadas com as relíquias das correntes de são Pedro, testemunhando, portanto, os vínculos do papado com a realeza merovíngia (*Ep. VI.6*¹⁰): “Também envio a vossa excelência as chaves de são Pedro.

⁸ *Ep. VI.6*: Sed quoniam Dynamius patricius, qui ex nostra commendatione rebus ipsis sollicitudinem impendebat, eas modo gubernare, ut cognouimus non potest et ne patrimoniolum ibidem constitutum faciente neglegentia deperiret, idcirco praesentium portitorem dilectissimum filium nostrum Candidum presbyterum...

⁹ *Ep. VI.6*: Quanto ceteros homines regia dignitas antecedit, ceterarum gentium regna regni uestri profecto culmen excellit. Esse autem regem, quia sunt et alii, non mirum est, sed esse catholicum, quod alii non merentur, hoc satis est.

¹⁰ *Ep. VI.6*: Claves praeterea sancti Petri, in quibus de uinculis catenarum eius inclausum est, excellentiae uestrae direximus, quae collo uestro suspensae de malis uos omnibus tueantur.

Nela está contida os fragmentos das cadeias dele, que pendurada em seu pescoço, lhe afastará de todo o mal”.

Porém, agora melhor informado sobre a realidade gaulesa, o papa entendeu que era a rainha Brunilda que de fato detinha o poder nos *regnum Francorum* e, por conseguinte, a ela lhe recomendou Cândido (*Ep.* VI.5¹¹):

Porque, de fato, a experiência leva-nos a confiar na profissão cristã de sua excelência, por isso, saúdo com afeto paterno e pedimos que para o bem de são Pedro, Príncipe dos Apóstolos, que sabemos que você amava com todo seu coração, apoio bem com a sua ajuda e sua proteção, para o nosso amado filho, o padre Cândido portador desta epístola, com o pequeno patrimônio à qual o governo lhe temos planejado.

Acreditamos que essa busca de vínculos, especialmente com a sociedade laica gaulesa, indica que Gregório estava tentando firmar uma base para a missão na Bretanha.

Ademais, ainda no mês de setembro de 595, o papa enviou uma instrução oficial a Cândido. O novo reitor do patrimônio da Gália se via encarregado de comprar jovens escravos anglo-saxões e de conduzi-los até Roma, onde seriam batizados e confiados a um mosteiro (*Ep.* VI.10)¹²:

Como se preparou para gerir – com a ajuda de nosso Senhor Deus, Jesus Cristo – para o patrimônio na Gália, queremos que, a partir das moedas de ouro que você recebe, compre roupas para os pobres, e compre jovens ingleses que possuem cerca de dezessete ou dezoito anos de idade, para que possam aproveitar servindo a Deus em mosteiros

É muito provável, de acordo com Carbonare (2008, p. 32), que esses escravos estivessem destinados a se tornarem colaboradores dos monges missionários que Gregório pretendia enviar a Bretanha; para isso, era importante que esses chegassem vivos. O temor de Gregório I quanto ao destino desses jovens durante a jornada é assinalado pela necessidade de

¹¹ *Ep.* VI.5: Quia uero multarum rerum experimenta nos admonent de excellentiae uestrae christianitate confidere, idcirco paterno salutantes affectu quesumus ut propter amorem beati Petri apostolorum principis, quem toto uos scimus corde diligere, dilectissimum filium nostrum Candidum presbyterum, praesentium portitorem, una cum patrimoniolo ad cuius eum gubernationem.

¹² *Ep.* VI.10: “Pergens auxiliante domino Dio nostro Iesu Christo ad patrimonium quod est in Galliis gubernandum uolumus ut dilectio tua ex solidis quos acceperit vestimenta pauperum uel pueros Anglos, qui sinta b annis decem et sepetem uel decem et octo, ut in monasteris dati Deo proficiant”.

confiar o acompanhamento de um sacerdote que os auxilie, haja visto que se tratava de indivíduos ainda não batizados¹³.

Tais preocupações evidenciam, conforme aponta Markus (1981, p. 24), que a atividade missionária era um dos motes que formaram um fio condutor do pontificado de Gregório, e podem até mesmo ter antecedido sua ascensão ao papado. Mas, voltemos a discussão sobre os escravos mencionados na supracitada epístola.

Para os obter, vemos que Gregório I novamente prefere se relacionar com os grandes proprietários ao invés dos bispos. O que indica que Gregório acreditava que para realizar conversões bem-sucedidas seria essencialmente valoroso ter a seu lado a propriedade da terra e o poder financeiro. Em outras palavras, Gregório I estava consciente que aqueles que o detinham – independente de qual seja sua identidade ou seu *status* – seriam colaboradores preciosos.

Isso torna ainda mais importante o papel confiado a Cândido, especialmente quando se pensa a missão inglesa. A consciência desse conjunto fatores pode ser evidenciada em setembro de 596, quando Gregório I escreveu a Theoberto II e a Thierry II uma epístola em que conjuntamente lhes recomenda Agostinho, que estava de partida para a Inglaterra, e Cândido, que permaneceria na Gália. Tudo parece indicar que o patrimônio de São Pedro na Provença seria então utilizado como base logística e de reserva financeira a missão inglesa.

Também em 596, Gregório escreve aos bispos gauleses, notadamente a Serenus de Marelha (*Ep.* VI.52), Vírgilio de Arles (*Ep.* VI.54), Desiderio de Viena e Syagrius de Autun (*Ep.* VI.55). Nelas, o papa lhes recomenda Cândido, bem como, Agostinho e seus missionários romanos. Para não ficar repetitivo citaremos apenas a *Ep.* VI.52:

[...]pensamos em enviar uma carta à sua Fraternidade, mencionando que enviamos para a sua parte, com a ajuda do Senhor, para o benefício das almas, o servo de Deus Agostinho, de cuja seriedade estamos assegurados, com outros servos de Deus. Sua Santidade, deve ajudar com fervor sacerdotal, e se apressar em dar-lhe seu socorro. Também o ordenamos, para que estejais mais dispostos a apoiá-lo, para vos familiarizar plenamente com o assunto que ele tem em mãos, [...] Além disso, recomendamos de todas as formas à sua caridade a nosso filho comum o presbítero Cândido, a quem enviamos para o governo do patrimônio de nossa Igreja

¹³ *Ep.* VI.10 “Sed quia pagani sunt [...] volo ut cum eis presbyter transmittatur, ne quid aegritudinis contigat in via, ut quos moritutos conspexerit debeat baptizare”.

Nota-se nessas epístolas papais, remetidas aos bispos gauleses, que faltava singularmente afabilidade do bispo de Roma, como se o pontífice não tivesse qualquer relação com seus correspondentes.

Seja como for, sabe-se que durante a passagem pela Gália os missionários romanos se amedrontam e recusam a ir a Bretanha. Agostinho então retorna a Roma para receber novas instruções. Nesta ocasião descobrimos um novo auxiliar da missão inglesa. Isto é, Agostinho relatou a Gregório I que conheceu o novo patrício da Provença, Arigius, e que teve excelentes contatos com ele.

Subsequentemente, Gregório I escreveu ao patrício pedindo-lhe que continuasse a apoiar a missão inglesa e, por extensão, proteger Candido (*Ep.* VI.59). Agostinho também expôs ao papa que havia recebido uma recepção calorosa da parte dos monges de Lérins (*Ep.* VI.57) – o que não se constitui uma surpresa, pois esta urbe gaulesa sempre manteve laços estreitos com os patrícios da Provença. O que levou Gregório I a enviar a Lérins uma epístola de agradecimento.

Agostinho é então reencaminhado para a Inglaterra, porém munido de novas missivas. A título de exemplo, vale ressaltar, as epístolas enviadas a Brunilda (*Ep.* VI.58 e VI.60) em que o papa solicita a rainha franca apoio a supracitada missão. Aproveita também a oportunidade para, conjuntamente com as epístolas, lhe enviar as relíquias de são Pedro e são Paulo.

Em setembro de 597, os monges romanos chegam em Kent. Enquanto isso, Gregório se volta a distribuir recompensas a aqueles que tinham apoiado o projeto. Brunilda, que bem acolheu os missionários, recebeu um manuscrito de louvor e de conselhos político-religiosos visando converter profundamente seu reino (*Ep.* VIII.4). Tudo intermediado naturalmente por Cândido. Por respeito a Brunilda, o papa prometeu igualmente o palio a Syagrius de Autun; mas, como não tinha muita confiança neste personagem, ele retardou o envio da preciosa estola (*Ep.* VIII.4)¹⁴:

¹⁴ *Ep.* VIII.4: “Susceptis itaque epistulis uestris, ualde nobis excellentiae uestra studium placuisse signamus atque fratri et coepiscopo nostro Syagrio pallium dirigere secundum postulationem uestram uoluimus. Propter quod et serenissimi domni imperatoris, quantum nobis diaconus noster, qui apud eum responsa ecclesiae faciebat, innotuit, prona uoluntas est et concedi hoc omnino desiderato. Atque multa de praedicto fratre nostro tam uobis quam etiam aliis testificantibus ad nos bona perlata sunt, máxime uitam eius Iohanne regionario ad nos remeante cognouimus. Et quid in fratre nostro Augustino fecerit audientes, redemptorem nostrum benedicimus, quia eum sacerdotis nomen etiam operibus implere sentimus. Sed res plurimae restiterunt, quae nos hoc interim facere minime permiserunt.

Recebi sua carta [de Brunilda], expressamos que a devoção de vossa Excelência¹⁵ nos agrada muito; e estávamos dispostos a enviar, em resposta a seu pedido, o *pallium* ao nosso irmão e episcopo Siagrio. Neste envio, é propenso também a vontade do sereníssimo Imperador, que absolutamente quer que isso seja feito, pelo menos, é o que nos relata o nosso diácono, que exerce a função de representante da Igreja junto a ele. E muitas coisas boas, foram relatados a nós, sobre o nosso irmão Siagrio, a partir do seu testemunho e a dos outros, temos ouvido muito sobre o seu modo de vida, especialmente após o retorno do regionário João¹⁶. Ao saber o que ele tem feito pelo nosso irmão Agostinho, bendizemos nosso Redentor, pois fundamenta com as obras o título que carrega de sacerdote. Contudo, houve muitas dificuldades, o que não nos permitiu fazer isso tudo no mesmo período.

Dois anos mais tarde, em 599, Gregório I enfim recebeu as primeiras notícias da missão inglesa. Neste mesmo ano, o papa tentou iniciar um grande projeto de reforma da Igreja na Gália, visando notadamente lutar contra a idolatria dos francos e contra a posse de escravos cristãos por judeus.

O nuncio enviado para esta ocasião foi o abade Cyriaco, o homem que já havia mostrado suas qualidades face aos *Barbaricini* da Sardenha. Além deste “especialista” da conversão do Ocidente, Gregório nomeia um segundo nuncio, Aregio, bispo de Gap (*Ep.* IX.220). Tal indivíduo é pouco conhecido, mas seu nome e a situação geográfica autorizam a ver nele, segundo Bruno Dumézil (2006), um parente do patrício Arigio. Este último tinha muito contribuído para o sucesso dos missionários de Agostinho (*Ep.* VI.59).

Os dois embaixadores, Cyriaco e Aregio, são portadores de uma série de epístolas papais, que testemunham as novas preocupações pontificais. Encontramos inicialmente uma circular aos bispos da Gália (*Ep.* IX.219), muito fria, na qual solicita a organização de um grande concílio nacional¹⁷. Cyriaco também tinha sido encarregado de transmitir algumas epístolas mais individualizadas. Estas também não são afetuosas, como veremos abaixo.

Entre elas citamos as remetidas ao bispo de Marelha, Serenus, que tinha destruído imagens em sua catedral. Esse bispo é categoricamente criticado. Gregório I lembra-lhe o valor pedagógico de tais representações (*Ep.* IX.209) (CHARRONE, 2019). As relações de

¹⁵ Vale lembrar, conforme apontou Markus (1983, p. 173) que certos títulos (Vossa Excelência, filha, gloriosa, etc) simplesmente indicam um desejo gregoriano de usar padrões linguísticos estabelecidos para diferenciar os imperadores dos reis germânicos.

¹⁶ De forma mais oficial, a partir de setembro de 597, Gregório passa a enviar representantes oficiais de Roma. Alguns seriam incumbidos de missões nitidamente políticas. Entre eles, encontramos João, que se estabeleceu no reino franco com o posto elevado de *regionarius*, e suas relações com o papa se baseiam fundamentalmente em entregar, juntamente com o padre Cândido, o *pallium* a Siagrio e a de recusar a mesma insígnia a Desidério. Trataremos dessa negativa mais à frente.

¹⁷ Vale lembrar que Gregório havia anteriormente pedido a Syagrius de Autun para intervir que os reis francos parassem de perturbar a ordem canônica na região de Turin (*Ep.* IX.215).

Gregório com Serenus de Marelha ficaram piores, pois o prelado franco denuncia, alguns anos mais tarde o nuncio romano Cyriaco de ter produzido uma farsa. O papa ficou irritado com a acusação de seu agente (*Ep.* XI.10), que foi morto pouco depois.

O bispo de Arles, Virgílio, que pretendia retirar os privilégios do mosteiro masculino de sua comunidade, também foi objeto de críticas. Gregório I lembra o episcopo que tal monastério era uma fundação de Childeberto I, e, como tal, “deveríamos mostrar o maior respeito” (*Ep.* IX.217), especialmente para não incorrer na ira dos reis francos.

Na esteira, o papa enviou uma recusa a Desiderio de Viena, que tinha solicitado o pálio. Gregório afirmava que se o bispo vienense pretende realmente obter esta dignidade, ele deveria fornecer uma documentação comprovando os privilégios antigos de sua sé (*Ep.* IX.221).

Apenas Syagrius de Autun escapa parcialmente da cólera papal. Parcialmente, pois o papa lamenta sua falta de respeito com a ordem canônica, pois este bispo protegeu dois prelados italianos fugitivos (*Ep.* IX.224), bem como, fechou os olhos para o casamento forçado de uma freira (*Ep.* IX.225). Porém, concomitantemente a estas críticas, lembrou dos serviços prestados para a missão inglesa e lhe conferiu, com muita hesitação, o pálio que tanto esperava (*Ep.* IX.218).

Enquanto que o episcopado gaulês são majoritariamente criticados, Gregório I demonstra uma grande diferença com os monges e com os reis. A afeição do papa é contudo exigente, pois, ao escrever a Brunilda, Theoberto II e Thierry II, cobra deles uma postura firme. Ou seja, eles deveriam lutar contra a simonia e a promoção dos laicos ao episcopado. E mais, defende que os reis merovíngios intervenham se necessário for, nas eleições episcopais (*Ep.* IX.214 e IX.216).

O papa também reitera a realeza o pedido de realização de um concílio nacional, que deveria ter a presença de seu nuncio Cyriaco. Chega inclusive a sugerir que tal encontro fosse presidido por Syagrius, figura que era muito próxima da rainha Brunilda:

[...] se celebre, por vossa [de Brunilda] disposição, um sínodo. E na presença de nosso filho mais amado e abade, Ciríaco, deve ser proibida sob um estrito pronunciamento de anátema que ninguém se atreva a elevar-se repentinamente ao posto de bispo a partir da condição de laico, bem como, que qualquer outro ouse pagar ou receber qualquer coisa pelas ordens eclesíásticas [...]. Mas temos tomado atenção especial para delegar o cuidado e responsabilidade para tal sínodo, que decidimos delega-lo a nosso irmão e coepiscopo Siagrio, e sabemos que ele é muito próximo a você. [...] Nós enviamos o *pallium* para este nosso irmão, pois se mostrou ardentemente

devotado a pregação que foi realizada entre os povos ingleses¹⁸, com a ajuda de Deus (*Ep.* IX.214)¹⁹.

Ainda mais que os reis, a nobreza gaulesa é preciosa aos olhos de Gregório I. Ele confia a Cyriaco uma calorosa carta a um certo Aureliano, que supomos ser membro da família do antigo patrício Dinamio (*Ep.* IX.218). Ele escreve também com termos selecionados a Asclepiodote, patrício e antigo referendo real, pedindo para que ele proteja os nuncios pontificais (*Ep.* IX.226); alguns anos mais tarde, Asclepiodote recebeu as relíquias romanas em reconhecimento a seus bons serviços (*Ep.* XI.43).

Considerações Finais

Ao fim do VI século, a tática missionária de Gregório parece enfim ter sido elaborada (SULLIVAN, 1955), após uma dura aprendizagem. Gregório montou tal estratégia para missão com a Inglaterra não na Bretanha, muito distante e onde as informações voltavam lentamente, mas com o Mediterrâneo Ocidental. Entre tais áreas destacamos aqui a Gália, um espaço que ele passou a intervir paulatinamente ao longo de seu pontificado.

Portanto, podemos retratar esta estratégia gregoriana sobre a forma de um empreendimento misto onde os dois contratantes partilham dos benefícios espirituais. Gregório leva os missionários, ricos de suas competências sacramentais, de suas qualidades pastorais e de suas relíquias romanas. Tais missionários são homens que o papa controla bem: os diáconos romanos, mais especialmente os monges italianos. Como tal, o abade Cyriaco, o homem das primeiras missões na Sardenha, parece ter sido o protótipo de Agostinho de Cantorbéry.

De outro lado, as elites locais fornecem o apoio material, a proteção jurídica e uma certa assistência a pastoral sobre a forma de coerção econômica de seus dependentes. Na escolha das elites locais, Gregório é pouco observador: de acordo com as possibilidades do

¹⁸ Acreditamos que, do ponto de vista discursivo, Gregório pretendia, com essa passagem, afirmar que o *pallium* foi concedido ao bispo de Autun por merecimento e não pelo pedido de Brunilda, e, por extensão, firmar sua autoridade como primeiro bispo da Igreja.

¹⁹ *Ep.* IX.214: “synodum fieri iussio uestra constituat, ubi praesente dilectissimo filio nostro Cyriaco abbate sub districta anathematis interpositione debeat interdicti, ne ullus ex laico habitu súbito ad episcopatus audeat gradum accedere neque pro ecclesiasticis ordinibus quilibet quicquam dare uel sit ausus accipere [...] Curam uero et sollicitudinem eiusdem synodi, quam fiendam decreuimus, fratri coepiscopoque nostro Syagrii, quem uestrum proprium nouimus, specialiter delegare curauimus [...] Cui fratri nostro pro eo, quod se in ea praedicatione quae in Anglorum gente auctore Domino facta est deuotum uehementer exhibuit pallium [...]”.

lugar e das necessidades específicas, ele recorre tanto aos reis, aos aristocratas, aos bispos locais, a um grande proprietário ou ao reitor do patrimônio de São Pedro.

Referências:

Fontes Primárias:

GREGÓRIO I (1996-1999). *Registrum Epistolarum*. Ed. Bilíngue (latim-Italiano). A cura de Vincenzo Recchia. Roma: Città Nuova Editrice, 4 vols.

_____. (2004). *The Letters of Gregory the Great*. Tradução, Introdução e notas de John R. C. Martyn. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 3 vols.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CARBONARE, Mário Dalle. “Gregorio Magno e i Regni dei Franchi e degli Angli”. In: AZZARA, Claudio. *Gregorio Magno, L’Impero e I “Regna”*: Incontro Internazionale di studio dell’Università degli studi di Salerno. Fisciano, 30 settembre – 1 ottobre, 2004. Firenze: Sismel 2008, pp. 29-57

CHARRONE, João Paulo. “O uso pedagógico das imagens na correspondência papal de Gregório I (590-604)”. In: *Revista Labirinto*, Porto Velho (Ro), Issn 1519-6674, Ano XIX, Vol. 30 (Jan-Jun), N. 1, 2019, pp. 26-38.

COUTINHO, Carlos Nelson. “Gramsci, o marxismo e as ciências sociais”. In: IDEM. *Marxismo e política: a dualidade de poderes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 1996, pp. 91-120, p. 117.

DUMEZIL, Bruno. “Grégoire Le Grand et les elites locales: la Mediterranée Occidentale comme prologue à la mission anglaise”. In: *Journée d’études* du 20 mai 2006, université de Paris-Est-Marne-la-Vallée dans le cadre de la recherche sur les Élités dans le haut Moyen Age, dirigée alors par Régine Le Jan. Disponível em: <<https://lamop.univ-paris1.fr/IMG/pdf/DUMEZIL.pdf>>. Acesso em: 20 junho 2020.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*. Edizione critica dell’Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 2007.4 vol.

_____. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2

_____. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, v. 6

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 67.

JUDIC, B. “L’influence de Grégoire le Grand dans la Provence du VII siècle”. In: DREUILLE, C. de. (Dir). *Dans L’Eglise et la Mission au VI siècle. Colloque d’Arles de 1998*. Paris: CERF, 2000, p. 89-120.

LIGUORI, G. *Roteiros para Gramsci*. Rio de Janeiro/RJ: Editora UFRJ, 2007, p. 77-98.

MAGNANI, Eliana. “O Dom entre a História e Antropologia. Figuras Medievais do Doador”. In: *Signum*. N. 5. 2003, pp. 169-193.

MARKUS, Robert Austin. “Gregory the Great’s Europe”. In: *Transactions of the Royal Historical Society*. Fifth Series, vol. 31, 1981, pp. 21-36.

_____. *From Augustine to Gregory the Great: History and Christianity in Late Antiquity*. London: Variorum Reprints, 1983.

- MORAES, Dênis de. “Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci”. IN: **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan-jun., 2010, p. 57.
- NOBLE, Thomas F. X. “Gregory of Tours and the Roman Church”. In: MITCHELL, Katheen; WOOD, Ian. **The World of Gregory of Tours**. Boston: Brill, 2002, pp. 145-162.
- ORTIZ, Renato. “Notas sobre Gramsci e as Ciências Sociais”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 21, N. 62, outubro/2006, pp. 95-103, p. 99.
- PACHÁ, Paulo Henrique de Carvalho. **Formas de intercâmbio e dominação: as relações de dependência pessoal no medievo Ibérico (IV – VIII)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.
- SULLIVAN, R. E. “The Papacy and Missionary Activity in the Early Middle Ages”. In: **Medieval Studies**, 17, 1955, pp. 47-59.

Recebido em: 05 de outubro de 2020.

Aprovado em: 10 de janeiro de 2021.